

# Os subúrbios cariocas no olhar de Lima Barreto

Juliane Porto Cruz de Medeiros e  
Ana Elisabete de A. Medeiros

---

MEDEIROS, Juliana Porto Cruz; MEDEIROS, Ana Elisabete de A. Os subúrbios cariocas no olhar de Lima Barreto. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 160-173, dez. 2022

---

data de submissão: 16/05/2021

data de aceite: 21/06/2021

**Juliane Porto Cruz de MEDEIROS** é Mestre em História e Teoria da Cidade e do Urbanismo pelo PPGAU/UnB; julianepcruz@gmail.com

**Ana Elisabete de A. MEDEIROS** é Doutora em Sociologia pela UnB; ana@unb.br

## Resumo

O artigo explora a correlação entre cidade e literatura a partir de fragmentos dos subúrbios cariocas presentes na obra do escritor Lima Barreto. Os subúrbios são compreendidos por meio de representações de seu espaço físico e sua sociedade. Em prol da imagem de progresso e civilização almejada pela Primeira República, o Rio de Janeiro passou por uma série de remodelações que incluíram a invisibilização de determinados estratos da sociedade. Objetos de um "raptor ideológico" (FERNANDES, 2011), os subúrbios cariocas são resultado da estratégia de afastamento da classe proletária do centro urbano. A obra de Lima Barreto apresenta-se como um contraponto a essa invisibilização ao dar voz e denunciar a segregação socioespacial suburbana. Conclui-se que a literatura é um importante contributo para a compreensão e interpretação da historiografia espacial carioca. **Palavras-chave:** subúrbios, Rio de Janeiro, Lima Barreto, literatura.

## Abstract

*The article explores the correlation between city and literature from fragments of the Rio suburbs present in the work of the writer Lima Barreto. Suburbs are understood from the representations of their physical space and their society. In favor of the image of progress and civilization sought by the First Republic, Rio de Janeiro underwent a series of remodeling that included the invisibility of certain strata of society. Objects of an "ideological abduction" (FERNANDES, 2011), the suburbs of Rio de Janeiro are the result of the strategy of removing the proletarian class from the urban center. Lima Barreto's work presents itself as a counterpoint to this invisibility by giving voice and denouncing suburban socio-spatial segregation. It is concluded that literature is an important contribution to the understanding and interpretation of Rio's spatial historiography.*

**Keywords:** suburbs, Rio de Janeiro, Lima Barreto, literature.

## Resumen

*El artículo explora la correlación entre la ciudad y la literatura a partir de fragmentos de los suburbios de Río presentes en la obra del escritor Lima Barreto. Los suburbios se entienden desde las representaciones de su espacio físico y su sociedad. A favor de la imagen de progreso y civilización buscada por la Primera República, Río de Janeiro se sometió a una serie de remodelaciones que incluyeron la invisibilidad de ciertos estratos de la sociedad. Objetos de una "abducción ideológica" (FERNANDES, 2011), los suburbios de Río de Janeiro son el resultado de la estrategia de sacar a la clase proletaria del centro urbano. El trabajo de Lima Barreto*



*se presenta como un contrapunto a esta invisibilidad al dar voz y denunciar la segregación socioespacial suburbana. Llegamos a la conclusión de que la literatura es una contribución importante para la comprensión e interpretación de la historiografía espacial de Río.*  
**Palabras-clave:** subúrbios, Río de Janeiro, Lima Barreto, literatura.

## Introdução

O estudo do espaço literário é uma forma de conhecimento urbano, pois, “em essência, é através da descrição que a cidade penetra na literatura, e a literatura, em nossa percepção e compreensão da cidade” (MORETTI, 2007, p. 135). Compreender o espaço na narrativa literária significa um duplo caminho, que engloba a apreensão física desse espaço no texto e os significados que essa forma espacial acarreta. A pesquisa do espaço na literatura permite aprofundar o conhecimento urbano naquilo que concerne a seu imaginário e representação.

A cidade, como materialidade de uma vontade e ação transformadora sobre a natureza, é objeto de deslumbramento humano e, portanto, mote de construção de um imaginário. Para Pesavento (2007), o pertencimento à cidade implicou diferentes formas de representá-la por meio de uma correspondência entre a cidade material e a cidade que perpassa o imaginário e a liberdade sensitiva e afetiva de quem a representa. A literatura é meio de representação da cidade como imagem, pois se configura como “tradução mental de uma realidade exterior” (PESAVENTO, 1995, p. 15).

Nessa perspectiva, a obra do escritor carioca Lima Barreto está permeada por imagens do Rio de Janeiro. Tendo percorrido e vivenciado a cidade em sua totalidade, os subúrbios têm lugar cativo, como ponto essencial de seus escritos. Para Schwarcz (2010, p. 16), “se o autor se acostumara a transitar por toda a cidade, já sua geografia simbólica elegeria um cenário ficcional particular”: o subúrbio carioca.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 13 de maio de 1881. Negro e neto de escravas, o autor e sua família habitaram o subúrbio Todos os Santos por quase vinte anos. A experiência suburbana é fortemente refletida em sua literatura, que contém a descrição do lugar como “o refúgio dos infelizes” (LIMA BARRETO, 2018a, p. 789).

A obra de Lima Barreto se faz no e por meio dos subúrbios. É o local de fala do escritor, que “escreveu a partir de sua região em especial. Foi assim que procurou atrair a atenção para os subúrbios cariocas, seus personagens, seu cotidiano” (SCHWARCZ, 2017, p.



17). O autor conhecia muito bem a região central do Rio de Janeiro e toda a cidade foi objeto de sua literatura. Suas representações urbanas, contudo, são relacionadas à sua perspectiva suburbana. A realidade central, de modernização e infraestrutura, é vista face ao descaso com que o subúrbio é tratado; o lugar das classes abastadas, dos teatros e entretenimentos modernos é confrontado com bailes e divertimentos suburbanos; se Lima Barreto denomina sua casa de Vila Quilombo, é para “enfezar Copacabana” (LIMA BARRETO, 2004, p. 499); a “alta sociedade suburbana” “só é alta nos subúrbios”, porque na Rua do Ouvidor ela “míngua” (LIMA BARRETO, 2018d, p. 214). As representações urbanas e suburbanas se fazem, portanto, de maneira relacional em sua literatura, de modo que Lima Barreto é um personagem paradoxal perambulando entre centro e subúrbio (SCHWARCZ, 2017).

Com base nesse cenário, pretende-se traçar a relação entre o espaço suburbano do Rio de Janeiro e suas descrições em algumas obras de Lima Barreto. A compreensão dos subúrbios cariocas acontece a partir da análise de fragmentos de textos selecionados: duas crônicas (*A estação*, de 1921 e *Bailes e divertimentos suburbanos*, de 1922) e três romances (*Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de 1908, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de 1911 e *Clara dos Anjos*, de 1922) do autor. A literatura é associada e contextualizada ao espaço suburbano, analisado sob aspectos que integram características do lugar físico e da sociedade que o conforma.

## Os subúrbios cariocas

Até o século XIX, os subúrbios são vistos como lugares aprazíveis e pitorescos, significando “apenas as áreas periféricas à cidade, que em sua maioria eram valorizadas” (FERNANDES, 2011, p. 27). A concepção romântica do subúrbio muda, contudo, com as reformas urbanas e o espírito de progresso e modernização que toma o Rio de Janeiro no início do século XX. O acelerado desenvolvimento das zonas suburbanas tem início com a implantação dos sistemas de transporte coletivo na cidade. O trem tem um papel decisivo na expansão física da cidade e é também definidor da forma que assumiu o subúrbio carioca.

A linha férrea atraiu novos habitantes aos distritos suburbanos. A área central do Rio de Janeiro se tornou insalubre para residência e a população que tinha condições de morar fora da área central, mas não podia arcar com os altos custos dos arrabaldes, se transfe-

ria para o subúrbio, beneficiados pela oferta de trem (ABREU, 1987, p. 43). O subúrbio cresce, portanto, de forma linear, acompanhando os trilhos da estação de ferro. Na crônica *A estação*, Lima Barreto evidencia a importância da ferrovia para o desenvolvimento da região. Ao afirmar que é “em torno da estação” que se aglomeram as atividades comerciais, o autor nos mostra como a linha férrea se constitui em eixo de atração:

Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida [...] é em torno da “estação” que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, ou açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda (LIMA BARRETO, 2004, p. 439).

Além da linearidade definidora da expansão, Lima Barreto descreve características específicas do traçado suburbano, onde a malha das ruas é fruto do posicionamento das edificações e não definida a priori. O traçado não é integralmente retilíneo, mas há um

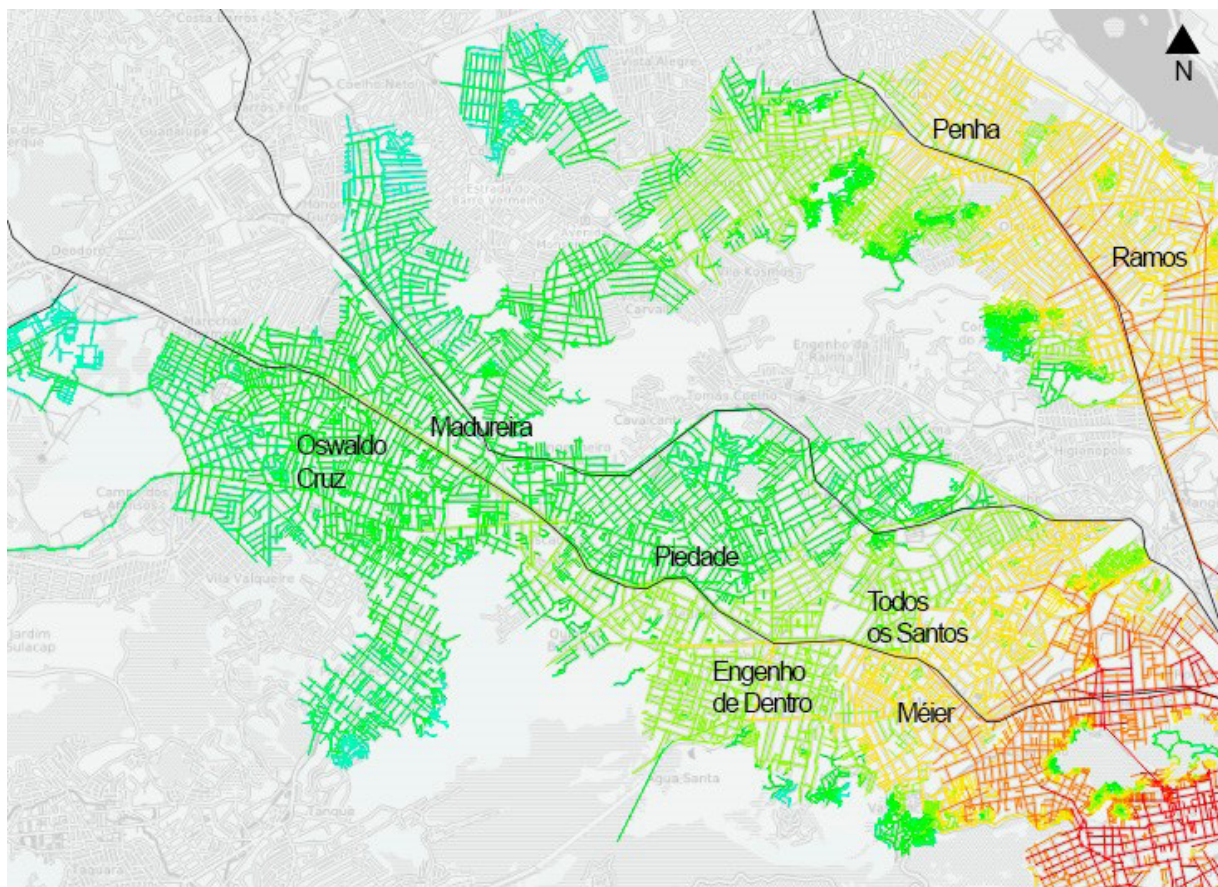


Figura 1  
Detalhe dos subúrbios cariocas da Zona Norte em 1930. O traçado preto indica as linhas férreas.  
Fonte: MEDEIROS, 2020, p. 176



misto de regularidade e irregularidade na estrutura do miolo dos bairros e, sobretudo, nas bordas dos subúrbios (Figura 1). Além disso, constata-se a forma orgânica das vias que se conformam com a topografia dos morros.

No romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto nos oferece um retrato preciso da forma urbana em relação ao posicionamento das edificações, arruamentos e irregularidades do traçado:

Os subúrbios do Rio de Janeiro são a mais curiosa coisa em matéria de edificação da cidade. A topografia do local, caprichosamente montuosa, influiu decerto para tal aspecto, mais influíram, porém, os azares das construções. Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como boulevards e acabam estreitas que nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado. Às vezes se sucedem na mesma direção com uma frequência irritante, outras se afastam, e deixam de permeio um longo intervalo coeso e fechado de casas. Num trecho, há casas amontoadas umas sobre outras numa angústia de espaço desoladora, logo adiante um vasto campo abre ao nosso olhar uma ampla perspectiva. Marcham assim ao acaso as edificações e conseqüentemente o arruamento (LIMA BARRETO, 2018d, p. 285).

O excerto revela como os subúrbios se conformavam a despeito de um planejamento rigoroso, pois sua característica formal se assemelhava à "espontaneidade". As narrativas de Lima Barreto são uma representação viva dos subúrbios. A região, que cresce de maneira linear, seguindo o polo de atração da linha férrea, é plural em termos de forma urbana, apresentando um misto de traçados e diversidade em suas edificações. Apesar da falta de infraestrutura, os subúrbios cariocas estão muito mais próximos a uma realidade urbana multiforme. No caso do Rio de Janeiro do início do século XX, subúrbios são designações conferidas às áreas que não conformam a região central, mas que são diferenciadas em função de seu caráter social e simbólico.

## **A sociedade suburbana: Condição social e cor**

No Rio de Janeiro, subúrbio "é designação conferida apenas aos bairros ocupados pelas classes médias e baixos extratos sociais dispostos ao longo da ferrovia" (FERNANDES, 2011, p. 15). Ao adentrar a Primeira República, a busca pelos ideais de civilização e progresso deveria necessariamente passar pela transformação

física e social da capital do país. Não convinha ao novo ideal elitista de ordem e progresso a coabitação na cidade de estratos sociais tão díspares. O Rio de Janeiro precisava se modernizar enquanto núcleo urbano, a exemplo das reformas parisienses. Para tanto, como uma estratégia de classe, era preciso afastar do centro o proletariado (LEFEBVRE, 2001). Quando unidas, as classes operárias questionam as estruturas de poder, ameaçando a elite dominante. A estratégia de classe consiste na dissolução da união da classe trabalhadora por meio do deslocamento dessa população do ambiente citadino:

Com a “suburbanização” principia um processo, que descentraliza a Cidade. Afastado da Cidade, o proletariado acabará de perder o sentido da obra. Afastado dos locais de produção, disponível para empresas esparsas a partir de um setor de habitat, o proletariado deixará se esfumar em sua consciência a capacidade criadora. A consciência urbana vai se dissipar (LEFEBVRE, 2001, p. 23; 25).

Como política urbana, a suburbanização é um modo de alienar os trabalhadores da vida citadina, resumindo o cotidiano do proletariado a grandes deslocamentos casa-trabalho-casa, afastando-o da verve da capital e do sentido da vida urbana. Para Fernandes, o conceito carioca de subúrbio representa um “rpto ideológico”, pois a corrupção do significado da palavra é um recurso da ideologia capitalista para legitimar a segregação da classe proletária. Assim, o sistema capitalista reinterpreta a noção de subúrbio para atender a sua ideologia:

A utilização da palavra subúrbio para áreas urbanas implica no esvaziamento, rpto e sacrifício da homologia entre a palavra e a realidade. [...] o conceito carioca de subúrbio pode ser compreendido como uma necessidade ideológica, definindo não apenas um lugar, mas sobretudo, o lugar que passou a ser ideologicamente destinado ao proletariado do Rio de Janeiro. Desta forma, o aparecimento do conceito carioca de subúrbio pode ser caracterizado como o fruto de um rpto ideológico intimamente ligado ao problema da criação do espaço e das representações ideológicas do Rio de Janeiro reformado em moldes capitalistas (FERNANDES, 2011, p. 48).

O rpto ideológico indica que o discurso sobre o espaço é responsável também por sua produção e não apenas reflexo de sua existência (FERNANDES, 2011). O discurso é um sistema de poder, capaz de estruturar o imaginário social (FOUCAULT, 1996) e a força da palavra configura o lugar. Assim, as narrativas literárias também implicam maneiras de se organizar no espaço e não apenas as descrevem.



Na crônica *Bailes e divertimentos suburbanos*, de 1922, Lima Barreto reflete um pouco da vida suburbana que “não se diverte mais”, pois é tomada pela rotina dos deslocamentos entre casa e trabalho e não pode arcar com os divertimentos urbanos. A vida na localidade necessita embriagar-se para esquecer as adversidades:

O subúrbio não se diverte mais. [...] Ele não mais se diverte inocentemente; o subúrbio se atordoa e se embriaga não só com o álcool, com a lascívia das danças novas que o esnobismo foi buscar no arsenal da hipocrisia norte-americana. Para as dificuldades materiais de sua precária existência, criou esse seu paraíso artificial, em cujas delícias transitórias mergulha, inebria-se minutos, para esperar, durante horas, dias e meses, um aumentozinho de vencimentos... (LIMA BARRETO, 2004, p. 504).

No romance *Clara dos Anjos*, Lima Barreto mostra a inferioridade com que um suburbano era visto na cidade. O jovem sedutor Cassi Jones, “suburbano genuíno”, ao pisar no centro era um estrangeiro em sua própria cidade: “A sua sensação era que estava numa cidade estranha. [...] no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant’Ana para baixo, o que era ele? Não era nada” (LIMA BARRETO, 2018a, p. 837).

Na literatura de Lima Barreto fica claro como a suburbanização é um elemento de segregação física e social. O morador do subúrbio carregava consigo o estereótipo da pobreza, da falta de inteligência e educação. Além da condição social, a suburbanização era fortemente caracterizada pela cor da pele de seus habitantes. Se classe social e cor conformam sistemas distintos de dominação, quando associados, reforçam e alicerçam a permanência de uma estrutura elitista de poder (SCHWARCZ, 2017). Nos subúrbios prevalecia a população formada de pobres, principalmente afrobrasileiros, muitos recém-saídos do sistema escravista (SCHWARCZ, 2017), já que “a noção de cor, herdada do período colonial, não designava, preferencialmente, matizes de pigmentação [...], mas buscava definir lugares sociais, nos quais etnia e condição estavam indissociavelmente ligadas” (MATTOS *apud* SCHWARCZ, 2017, p. 25-26).

No romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto aponta como o estudante Isaías, que tinha o rosto “perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada” (LIMA BARRETO, 2018c, p. 30), ao chegar à cidade, torna-se suspeito de um crime apenas pela cor de sua pele. Isaías Caminha,

que até então vivia em um “ambiente artificial” no qual ainda não havia percebido a discriminação por sua cor, se vê menosprezado em um julgamento a priori da sua personalidade. A cidade parece aflorar as discriminações, talvez porque o espaço não fosse considerado lugar do negro. A ingenuidade apresentada pelo personagem se repete com Clara dos Anjos, que só ao final do romance percebe que “ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos” (LIMA BARRETO, 2018a, p. 862).

O racismo no Brasil se disfarçava como estratégia dominadora, porém silenciosa. O país engendrou o mito da democracia racial, da escravidão benigna, visão principalmente difundida com os estudos do sociólogo Gilberto Freyre que reforçam a visão da colonização portuguesa como mais branda e flexível. Schwarcz (2012, p. 51) destaca que na obra de Freyre, “senhores severos mas paternais, ao lado de escravos fiéis, pareciam simbolizar uma espécie de ‘boa escravidão’”. Na literatura de Lima Barreto, a figura do bom escravo aparece de maneira irônica, nos personagens saudosos da escravidão. A representação é de um serviçal fiel, humilde e claramente inferior, que deve ser muito grato ao seu senhor que o acolheu benevolmente. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, a antiga lavadeira da família do general Albernaz aparece como “a preta velha, talvez com grandes saudades do tempo em que era escrava e ama de alguma grande casa, farta e rica” (LIMA BARRETO, 2018d, p. 225).

A figura do mulato aparece na Primeira República como representação social da democratização racial. Moscovici (2015, p. 20) aponta que “o propósito de todas as representações é tornar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, familiar”, desse modo, a representação do mulato é uma forma de naturalizar as relações entre negros e brancos, camuflando o preconceito. Lima Barreto mostra, contudo, como o racismo não institucionalizado era sentido na prática social, por meio da diferenciação negativa que se dava com o negro. Em 24 de janeiro de 1908, relata em seu diário íntimo:

Quarta-feira última, chegando à secretaria, deram-me um convite para assistir à saída da esquadra de bordo de um navio do Lloyd. Fui, depois de hesitar muito. / Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juça Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei. É triste não ser branco (LIMA BARRETO, 2018b, p. 539).



Em torno do negro se construiu uma representação social de invisibilidade e preconceito. Moscovici (2015, p. 40) assinala como as representações, como estruturas do pensamento, constituem um ambiente concreto e se configuram como “realidades inquestionáveis”. Assim, o peso de uma construção social cruel deve ser confrontado com “toda a resistência de um objeto material”. Questionar o racismo e combatê-lo é uma maneira de desconstruir uma representação social bárbara. Silenciar, ao contrário, significa tornar essa representação invisível o que implica em uma resistência “ainda maior, pois o que é invisível é inevitavelmente mais difícil de superar do que o que é visível” (MOSCOVICI, 2015, p. 40). Lima Barreto é essa resistência forte, que torna o problema visível e questiona as práticas impostas por uma estrutura elitista de poder. O autor dá voz aos subúrbios cariocas que se constituíam como lugares de segregação, tanto em termos de espaço físico, quanto em relação à condição social e à cor de seus habitantes.

## **O espaço suburbano e o movimento dos personagens**

O espaço no qual se desenvolve a trama literária é fundamental para compreender qual a relação entre subúrbio e centro da cidade a partir da movimentação dos personagens nos três romances analisados, tendo em vista que, como aponta Moretti (2003, p. 81), “(...) cada espaço determina, ou pelo menos encoraja, sua própria história. (...) O espaço não é o “fora” da narrativa, portanto, mas uma força interna, que o configura a partir de dentro”. Assim, como elemento ativo, o espaço literário pode ser abstraído por meio do mapa, que “contribui para organizar e estruturar o pensamento, assumindo-se como um instrumento indispensável às operações intelectuais que envolvem qualquer relação espacial” (FERNANDES, 2002, p. 29). A ação de demarcar os percursos dos personagens no mapa não elimina outros aspectos literários, mas quando a narrativa acompanha o percurso, o traçado no mapa pode ser mais do que uma linha atravessando o espaço, ele pode revelar um padrão de forma que acrescente algo à leitura do texto e à compreensão da cidade (MORETTI, 2003).

Ao mapear diferentes percursos dos personagens nos romances analisados, é possível compreender como os padrões geométricos impressos nos mapas dialogam com a vivência na cidade carioca. A elaboração dos mapas é resultado do inventário dos deslocamentos dos personagens nos romances analisados e demarcação dos percursos nos mapas. Todos os trajetos

traçados se configuram como *percursos prováveis*, pois a literatura não oferece subsídio suficiente para precisar as rotas escolhidas pelos personagens, mas apenas os pontos de partida, chegada e, em alguns casos, pontos intermediários. O espaço nesse caso é formado por fragmentos e discontinuidades, pois, ao invés de um espaço totalizador, as figuras ambulatórias criam “um fraseado espacial de tipo antológico (composto de citações justapostas) e elíptico (faz buracos, lapsos e alusões)” (CERTEAU, 1998, p. 182). O que os mapas urbanos a partir da literatura nos oferecem, portanto, são noções gerais da utilização do espaço em cada romance.

Comparativamente, na análise dos três romances (Figuras 2, 3 e 4) surgem dois padrões de movimentação denominados de **percurso poligonal** e **percurso linear**. O percurso poligonal indica um trajeto com vários pontos de parada formando um desenho no mapa que se assemelha a um polígono, apesar dos pontos de início e fim não serem sempre coincidentes. O percurso linear indica um trajeto com apenas os pontos de origem e destino referenciados no mapa. Trata-se de abstrações que podem indicar diferentes formas de vivência urbana.

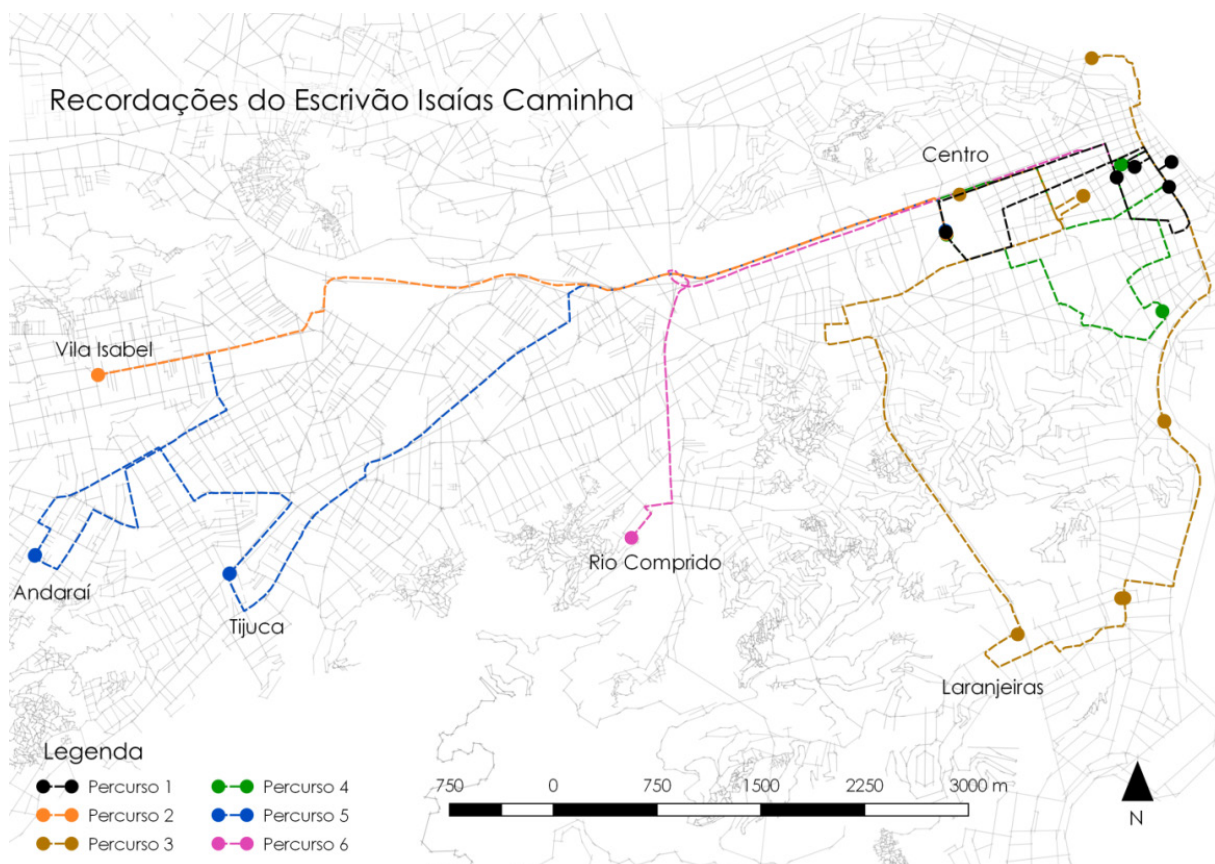


Figura 2  
Mapa literário do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*  
Fonte: MEDEIROS, 2020, p. 214

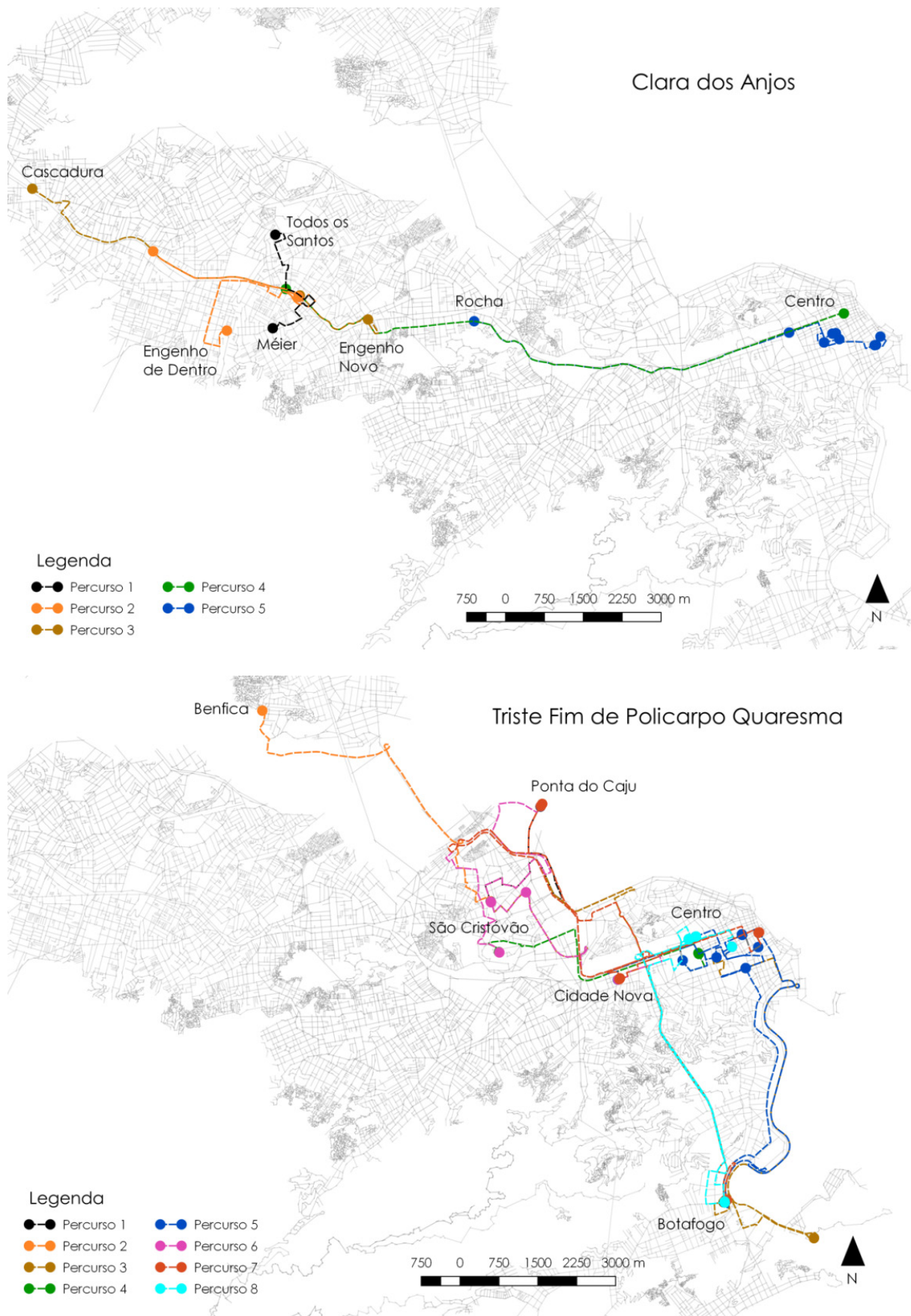


Figura 3 e 4  
 Mapa literário do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*; Mapa literário do romance *Clara dos Anjos*  
 Fonte: MEDEIROS, 2020, p. 216; p. 222

Como abstrações do fluxo narrativo, os mapas literários são ferramentas que possibilitam a emergência de padrões espaciais que talvez não fossem legíveis apenas pela leitura dos textos (MORETTI, 2005). São importantes instrumentos de espacialização e compreensão da cidade na literatura e, quando associado à leitura das obras, tornam-se um meio de reagrupar informações e elucidar novos entendimentos literários e espaciais. Os padrões emergentes apontam como os percursos poligonais acontecem, via de regra, na região central e arrabaldes, enquanto os percursos lineares desenham-se, sobretudo, nos subúrbios cariocas. Os mapas literários permitem visualizar a segregação urbana e a mobilidade como forma de distinção social. Os percursos lineares suburbanos indicam um trajeto com poucos ou sem pontos intermediários entre origem e destino, sugerindo uma menor vivência do espaço urbano.

## **Considerações Finais**

A literatura de Lima Barreto revela como os subúrbios cariocas em sua forma física e sociedade podem ser assimilados pelas imagens da cidade que ressoam nas narrativas do autor. A literatura é uma forma de expressão urbana. Como discurso, a obra de Lima Barreto é parte de um processo de transformação social, ao revelar a segregação socioespacial da cidade do Rio de Janeiro e dar voz e visibilidade ao subúrbio.

A cidade presente nos textos literários não é retrato da realidade, mas está calcada na morfologia de seu espaço. As características do espaço aparecem como fragmentos na obra e possibilitam uma leitura e compreensão da configuração suburbana do início do século XX. Não sendo determinante no arranjo da sociedade, o espaço pode, contudo, afetar sua maneira de organização ao se configurar como facilitador ou obstáculo a interações sociais. A ideologia elitista que permeou a remodelação urbana da cidade do Rio de Janeiro promoveu por meio da segregação do espaço suburbano a distinção social marcada por renda e cor. Os subúrbios são retratados na literatura de Lima Barreto como espaços desatendidos e socialmente discriminados. As narrativas refletem um espaço amplo e desordenado e uma população que sofre as desigualdades. A leitura do espaço suburbano correlacionada à leitura das narrativas mostrou que espaços distintos implicam modos próprios de vivenciar e narrar a cidade.

Os mapas literários dos romances, elaborados a partir dos trajetos dos personagens, revelaram-se uma ferramenta de legibilidade da espacialização literária.





Por meio deles, emergem padrões de deslocamentos indicativos do maior ou menor usufruto da cidade a depender da parcela urbana na qual se move: centro, arrabaldes ou subúrbios. Os movimentos com mais pontos intermediários entre origem e destino, que indicam maior vivência e contemplação urbanas, são recorrentes no centro e arrabaldes, enquanto que os deslocamentos suburbanos são caracteristicamente limitados, sugerindo menor aproveitamento da cidade e de sua urbanidade.

A obra de Lima Barreto indica como a narrativa literária configura-se como uma significativa maneira de compreensão da cidade. A literatura contribui para a interpretação da história urbana ao fornecer fragmentos representativos do espaço da cidade e sua sociedade, assim como o espaço físico confere singularidade ao texto literário ao delinear a cidade vivenciada em suas obras. Imaginário social, construções e representações sociais estão refletidos na forma da cidade e são também fruto do arranjo espacial.

## Referências

ABREU, Maurício de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO; Zahar, 1987.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERNANDES, Mário Gonçalves. *Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal*. Porto: FAUP Publicações, 2002.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858/1945*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Toda crônica: Lima Barreto*. Organizado por Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, v. II, 2004.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Clara dos Anjos. In: *Lima Barreto: obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. I, 2018a. p. 709-862.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Diário Íntimo. In: *Lima Barreto: obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. II, 2018b. p. 443-669.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Recordações do Escrivão Isaías Caminha. In: *Lima Barreto: obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. I, 2018c. p. 17-201.



LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Triste Fim de Policarpo Quaresma. In: *Lima Barreto: obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. I, 2018d. p. 203-411.

MEDEIROS, Juliane Porto Cruz de. *Ler a cidade: o Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Brasília: UnB, 2020.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

MORETTI, Franco. *Graphs, Maps, Trees: abstract models for a literary history*. London: Verso, 2005.

MORETTI, Franco. *Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 53, Junho 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução - Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República. In: *Contos completos de Lima Barreto*. Organizado por Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 15-53.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.